

KRENAK, Ailton. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. Edição Kindle.¹

Victor Pereira Aversa²

Publicado pela Companhia das Letras, “A Vida não é Útil”, de Ailton Krenak, é um convite para pensarmos a existência dentro de um contexto turbulento de ambiguidade entre vivência urbana moderna e vivência natural. A fala de Ailton Krenak é forte e tem todo o peso da experiência de quem vivencia cotidianamente os efeitos da invasão moderna em terras americanas. Os efeitos dessa invasão, ocorrida 500 anos atrás, se eternizaram na cultura, na religiosidade e na existência humana, como é possível constatar no texto. Entre esses efeitos, o autor pontua, principalmente, o pragmatismo moderno.

Dividido em cinco capítulos, cada um sendo extraído de uma ou mais entrevistas, o autor aborda temas atuais, mostrando que o “progresso” tecnológico não necessariamente está ligado ao “progresso” ético. No decorrer da obra somos confrontados com provocações que vão desde a crítica ao estilo de vida moderno e suas “facilidades” até o nível mais alto de destruição provocado no planeta para extração de recursos ou, tão somente, do lucro pelo lucro.

Logo o primeiro capítulo apresenta o título sugestivo de “Não se come dinheiro”, o que nos remete ao mito do rei Midas, que esteve diante da possibilidade de desejar qualquer coisa ao deus Baco. Midas, tomado de sua sede pelas riquezas, desejou ter o poder de transformar tudo o que tocasse em ouro. Foi feliz, até o momento em que percebeu que não poderia nunca mais comer ou beber, pois todo o alimento que tocava se transformava em ouro. Eis o conhecimento ancestral trazido por Ailton no título do primeiro capítulo.

Neste primeiro capítulo o autor desenvolve a ideia de que os seres humanos se dividiram em castas, em que a humanidade – ou melhor dizendo, um tipo de clube

¹ O livro utilizado é uma edição e-book Kindle, portanto, nas referências dos trechos extraídos da obra utilizaremos a “posição” em que ele se encontra ao invés da “página”, pois a paginação no E-book pode variar com o tamanho da letra utilizada.

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, <https://orcid.org/0000-0002-5622-8173>, victor.aversa.cre@gmail.com

exclusivo da humanidade –, tem o direito de ter direitos e tem o direito de tirar direitos, e faz isso devastando tudo o que vê pela frente; tudo em troca de um certo “progresso”, um certo “ir para algum lugar”, em direção ao horizonte. No entanto, tudo aquilo que não faz parte deste “clube”, não pode trilhar esse caminho, inclusive os considerados sub-humanos, como caiçaras, quilombolas e povos indígenas (KRENAK, 2020, posição 25).

Como tema central do capítulo, a economia é apresentada em sua forma predatória, partindo da visão de alguém que teve a sua cultura devastada em nome do metalismo e do acúmulo de riquezas. Krenak flerta com a ideia de que esse modelo é ilusório, e que é “uma ficção afirmar que se a economia não estiver funcionando plenamente nós morremos” (KRENAK, 2020, posição 32). E, de maneira provocativa, mas sem perder a lucidez e a razão de sua crítica, afirma que “nós poderíamos colocar todos os dirigentes do Banco Central em um cofre gigante e deixá-los vivendo lá, com a economia deles. Ninguém come dinheiro” (KRENAK, 2020, posição 32).

O capítulo é encerrado com o autor postando o tema da “vida” em local contrário a todos os aparatos tecnológicos e predatórios atuais, mostrando como a modernidade se tornou um vício, pelo fato de que a cada momento estamos em busca de uma nova maneira de estendermos nosso próprio corpo por meio de máquinas e ferramentas de vários tipos. Conclui o autor que “vida é transcendência, está para além do imaginário, não tem uma definição” (KRENAK, 2020, posição 135).

O segundo capítulo, sob o título de “Sonhos para adiar o fim do mundo”, vem resgatar algo que temos de natural em nosso entendimento de “ser humano”, mas que com o passar do tempo acabamos por tentar desnaturalizar ou “varrer” para debaixo do tapete como uma coisa ligada à “crendice” ou “superstição” irracional: os sonhos. O sonho, para o autor, não é tão somente uma série de imagens que enxergamos enquanto dormimos, mas sim uma extensão da realidade cotidiana, que participa (e influencia) na construção do mundo.

O sonho, segundo os relatos de Ailton, é o que auxilia e dá consistência para o porvir, no entanto, não tira a inevitabilidade dos acontecimentos que não dependem da gente. Gerações e gerações de ancestrais indígenas já sonhavam com a invasão europeia e sua depredação da natureza, mas, mesmo assim, a invasão não pode ser contida.

Então, a pergunta que fazemos é: qual a utilidade dos sonhos?

No entanto, essa pergunta já está respondida no próprio título da obra: a vida não é útil. Também não o é os sonhos. Pois a ideia de “utilidade” é pragmática, e na natureza não há pragmatismo, há uma lógica que, pelo visto, não conseguimos compreender. E nossa falta de compreensão acaba por desembocar no desrespeito com a terra, como conta o autor: “O agronegócio invadiu o cerrado, o Xingu virou uma pizza. Uma pizza não, uma empadinha cercada de soja por todos os lados, com tratores cortando tudo.” (KRENAK, 2020, posição 160)

Portanto, como explica Ailton, o sonho é como uma “instituição que prepara as pessoas para se relacionarem com o cotidiano” (KRENAK, 2020, posição 160), ou seja, o papel do sonho não está em nos livrar do que está para acontecer, mas sim nos preparar para conviver com aquilo. Além disso, o sonho também pode ser um local em que se veicula o afeto, isto é, uma forma de nos conectarmos intimamente com as pessoas, contando nossos sonhos e ouvindo os delas.

No terceiro capítulo, “A máquina de fazer coisas”, Ailton Krenak faz um caminho interessante até entrar no tema central da discussão. Primeiramente o autor expõe a visão de alguns povos originários de que antes de sermos “humanos”, todos fomos alguma outra coisa antes dessa vida. Novamente coloca a ancestralidade como o vínculo do conhecimento entre o “ser humano” e o “ser outra coisa”; esse conhecimento estaria guardado nas lembranças, na “memória ancestral” destes povos (KRENAK, 2020, posição 225).

Percorrendo esse caminho, o autor separa aquilo que é humano daquilo que não é. Mais adiante entendemos a pretensão do autor ao fazer estes apontamentos: “se a principal marca dos humanos é se distinguir do resto da vida terrestre, isso nos aproxima mais da ficção científica que defende que os humanos que estão habitando a Terra não são daqui.” (KRENAK, 2020, posição 240). A partir daí, o autor brinca com essa dicotomia entre: o ser humano pertence à Terra, mas não a respeita, ou, o ser humano pertence à Terra, mas ainda não compreendeu isso.

O autor atribui à “técnica” essa dinâmica de “desligamento” do ser humano com a natureza. Cita, inclusive, que, a certa altura os gregos olharam para a Terra e a consideraram

um mecanismo, coisa que, provavelmente, nos tenha levado ao pensamento cartesiano e mecanicista da existência, no qual começa a nascer a noção de que “evolução” e “progresso” podem ser sinônimos para “técnica” e “escrita”.

O quarto capítulo, “O amanhã não está à venda”, mesmo nome de outra obra recente do autor, inicia com uma reflexão sobre a pandemia de covid-19. Ailton Krenak começa dizendo que também está isolado, assim como todos devem estar em função do vírus, porém, o seu isolamento e o de seus pares já vem acontecendo a tempos. Mas, segundo o autor, esse isolamento involuntário tornou os Krenak mais resistentes e mais resilientes (KRENAK, 2020, posição 359). Logo em seguida, faz a seguinte provocação: “Como posso explicar a uma pessoa que está fechada há um mês num apartamento numa grande metrópole o que é o meu isolamento? Desculpem dizer isso, mas hoje já plantei milho, já plantei uma árvore...” (KRENAK, 2020, posição 359).

Faz uma reflexão sobre o ser humano e se pergunta o que vem a ser a “humanidade”. Novamente aborda a questão dos humanos e sub-humanos, até chegar na análise da fala do presidente da república em que dizia que nada aconteceria com os brasileiros (fazendo referência ao vírus covid-19), pois nós estamos acostumados a mergulhar no esgoto e continuarmos vivos. Ailton Krenak aponta a evolução do vírus como consequência do nosso modo de vida insustentável, em que negamos a natureza e nossos laços com ela.

O autor, sempre de modo a nos provocar a reflexão, afirma que o vírus está atingindo tão só os humanos, mas não a natureza, pois as frutas continuam crescendo e os animais continuam vivos. Ainda sobre o assunto, o pensador completa: “Quem está em pânico são os povos humanos e seu mundo artificial, seu modo de funcionamento que entrou em crise” (KRENAK, 2020, posição 382). A partir desta ideia, o autor caminha para o assunto da “manutenção da atividade econômica” na pandemia, dinâmica esta que se mostrou insustentável se considerarmos o respeito à dignidade humana, em que a vida é banalizada em troca de uma suposta “salvação” na economia. Só esqueceram que, para a economia girar é preciso que as pessoas estejam vivas.

Citando a obra *Vigiar e Punir* de Michel Foucault, Ailton Krenak mostra como essa preocupação com a economia, na realidade, é fruto de uma instrumentalização do próprio ser humano. Seres humanos instrumentalizando outros seres humanos por lucro. E quando

este ser humano instrumentalizado para de produzir, ele acaba se tornando uma despesa. Portanto, a pandemia vem como um pretexto, e neste contexto vão se criar a partir daí as condições necessárias para se deixar viver ou se fazer morrer. E é nessa condição que nos encontramos, sem saber o que vai acontecer amanhã. Nas palavras do próprio autor: “Não sabemos se estaremos vivos amanhã. Temos de parar de vender o amanhã.” (KRENAK, 2020, posição 420).

No quinto e último capítulo da obra, intitulado “A vida não é útil”, Ailton Krenak já começa apresentando os males do progresso tecnológico, apontando o fato de que sempre estamos destruindo alguma coisa em nosso caminho enquanto caminhamos em direção ao “progresso”. O autor aponta que até mesmo os bebês já nascem predando o planeta, de maneira involuntária, mas ainda assim acabam por utilizar objetos feitos de materiais que “em algum lugar, estão comendo a terra” (KRENAK, 2020, posição 452).

De maneira geral, o capítulo aponta como a ideia de “utilidade” foi e ainda é um problema trazido pelos europeus com a sua invasão. A ideia de utilidade está ligada ao pragmatismo, em que só se faz algo se isso for te dar lucro; o lucro é algo que sobra, algo a mais, e o problema reside exatamente nesse “algo a mais”, pois a natureza não é menos nem mais, ela é exatamente como deve ser.

Talvez uma das partes mais impactantes desse capítulo seja a fala do autor sobre como a lógica mecanicista e mercadológica é perpetuada pelo sistema de ensino, sistema esse que mantém a criança presa em uma dinâmica predefinida de busca à carreira perfeita ou coisa parecida, tendo em vista cursos como engenharia, arquitetura ou medicina como as principais referências. É uma sociedade excludente, em que o papel da escola é o de impor uma série de ideias e informações prontas na cabeça da criança antes de soltá-la no “mundo”. Esse foi o papel da educação na colonização, um aparato de controle precioso para aquele que estava invadindo e tomando posse do lar de quem já estava aqui.

Entre tantas afirmações fortes, Ailton Krenak diz ser a ideia de sustentabilidade uma “vaidade pessoal” (KRENAK, 2020, posição 489), a colocando como um “mito”. No entanto, logo explica que é de suma importância nos educarmos para essas questões, porém, a partir dessa ideia de sustentabilidade é possível que caiamos, novamente, em uma

desculpa utilitária, tal qual fizemos (e fazemos) com a religião.

“Por que insistimos em transformar a vida em uma coisa útil?” (KRENAK, 2020, posição 516), é a pergunta que permeia grande parte da obra e que nos leva a fazer uma série de reflexões sobre o nosso estilo de vida. Fomos colocados neste contexto urbano predatório ou estamos aqui por que queremos? Seria possível nos livrarmos dessa mentalidade utilitarista da vida e do mundo? O autor consegue fazer surgir em nós tais perguntas ao passo que critica de maneira relevante vários aspectos da existência neste contexto de destruição. Entre esses aspectos estão a pobreza, o suicídio, a apatia e a violência, que parecem intrinsecamente ligados ao modelo utilitário da vida.

A vida não é útil é uma obra que nos tira da nossa zona de conforto e que nos provoca de maneira direta. Como dito no início desta resenha, as palavras de Ailton Krenak têm peso, e nos fazem pensar como a vida poderia ser diferente se, simplesmente, soubéssemos ouvir mais a sabedoria ancestral ao invés da ideologia destrutiva da ganância, que nos é transmitida desde o momento em que nascemos. O utilitarismo é predatório, e tudo o que é predatório não repõe aquilo que tira do lugar. Nós precisamos da Terra para sobreviver, afinal, extraímos tudo dela. Mas será que ela precisa da gente?

Submetido em: 16 abr. 2021.

Aprovado em: 7 out. 2021.